



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA

SUBVENÇÃO E POLÍTICA CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS *GLOSSARIA LINGUARUM BRASILIENSIMUM* (1863)

Aline Cruz
(CEDOCH-DL/USP; CAPES)

0. Introdução

Este trabalho investiga a política científica do século XIX, norteadas por academias científicas e suas premiações, em uma tentativa de desenhar o contexto político que promoveu a elaboração dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863) de Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), tema de pesquisa em nível de mestrado que está sendo desenvolvido no Centro de Documentação em Historiografia da Linguística da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL/USP).

Procurar-se-á levantar alguns indícios de que a referida obra lexicográfica participava de uma estratégia de Martius para conseguir subvenção à *Flora Brasiliensis* (Martius 1840 –1906), sua obra principal. Para tanto, investigou-se a correspondência pessoal do autor, em parte inédita, disponível nos acervos da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O Quadro I resume a correspondência citada neste trabalho:

Remetente	Destinatário	Local, data	Referências
Cônego Januário C. Barbosa	Martius	Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1843.	ms. inédito, acervo do IHGB.
Martius	Cônego Januário C. Barbosa	8 de março de 1844.	ms. inédito (em francês), acervo do IHGB.
Martius	Paulo Barbosa da Silva	15 de julho de 1855.	<i>Cartas de Karl Friedrich von Martius a Paulo Barbosa da Silva</i> . Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pp. 32-33.
Martius	Cônego Joaquim C. Fernandes Pinheiro	Munique, 8 de novembro de 1861.	1895 [1861]. “Carta do Dr. Carlos F. de Martius contendo observações sobre Botânica, Vocábulo Tupis e origem das tribus americanas”. <i>Revista Trimestral do IHGB</i> , tomo 58, parte 1, vol. 91, 59-68.
Martius	D. Pedro II	Munique, 17 de julho de 1867.	fac-símile, acervo da Biblioteca Nacional
Francisco José Fialho	Martius	Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1867.	ms. inédito, acervo da Biblioteca Nacional

Também foram consideradas fontes primárias para esta análise o artigo “Como se deve escrever a Historia do Brazil” (Martius 1844) e os *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Martius 1863). Em 1867, esta obra foi publicada como segundo volume de *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens* [Contribuições sobre Etnografia e Linguística da America, principalmente do Brasil] (Martius 1867).

1. Dois Naturalistas redescobrem o Brasil

Durante todo o período colonial, a Europa conheceu o Brasil por intermédio de Portugal ou daqueles que ocuparam seu território como França e Holanda, uma vez que a metrópole lusitana proibia a entrada de estrangeiros em sua colônia. A situação começou a modificar-se a partir de 1808, quando D. João VI (1767-1826), que estava no Brasil por conta das invasões napoleônicas, decretou a abertura dos portos às nações amigas, possibilitando ao Brasil receber cientistas e viajantes que estudaram aspectos naturais e sociais do país.

Entre os cientistas deste período, destacaram-se o zoólogo Johann Batispt Spix (1781-1826) e o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Em 1817, ambos foram convidados pelo rei Maximiliano José I (1756-1825) a representar a Baviera junto à missão austríaca que se formara para acompanhar a arquiduquesa Leopoldina (1797-1826), contratada em casamento com o Príncipe D. Pedro I (1798-1834), futuro imperador do Brasil. Em 06 de fevereiro de 1817, Spix e Martius partiram para Viena e em julho do mesmo ano desembarcaram na Baía de Guanabara.

Entre 1817 e 1820, os cientistas bávaros dedicaram-se não apenas ao estudo da flora e da fauna, mas também observaram aspectos da sociedade brasileira. A Real Academia de Ciências de Munique recomendava explicitamente o registro das línguas e dialetos falados no Brasil:

As faculdades de história e de filosofia e filologia da [Real] Academia [de Ciências] **lembravam-nos o estudo das diversas línguas**, traços característicos dos povos, as tradições históricas, moedas, ídolos, e, particularmente, tudo que pudesse esclarecer o estado de civilização e história dos aborígenes e dos atuais habitantes do Brasil (Spix 1938 [1823]: 9, ênfase acrescentada).

Seguindo essas recomendações, os naturalistas coletaram entre os índios, com a ajuda de intérpretes, palavras que reuniram em listas. Em 1863, Martius publicou essas listas, acrescentando dados de viajantes contemporâneos e de obras anteriores como o *Vocabulário Polygloto* de Hervaz (1789 –1799) e a *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri* de Mamiani (1699).

A collezão de glossários aqui offerecidos, em grande parte consiste de palavras, que eu e o meu defunto companheiro de viagem, o Doutor Spix, notamos por escripto da bocca dos Índios; outros tenho extrahido de diversos livros e manuscriptos para facilitar a comparação das linguagens entre si. (Martius 1863: XII).

2. A Criação de um Passado Glorioso

Em 1838, o IHGB foi criado para reunir intelectuais que pudessem refletir sobre a identidade nacional brasileira. Pretendia-se criar uma memória

gloriosa para o Brasil, colocando-o como “representante da idéia de civilização no Novo Mundo” (Guimarães 1988: 7). Nesse sentido, a elaboração de uma obra historiográfica estava entre os principais objetivos da instituição:

É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregaram os letrados reunidos em torno do IHGB. (Guimarães 1988: 6)

Em 1840, o IHGB propôs aos leitores de sua *Revista Trimestral* que lhe enviassem projetos para a composição de uma história do Brasil. Martius atendeu prontamente ao pedido, enviando o ensaio “Como se deve escrever a Historia do Brazil” (Martius 1844). A obra foi tão apreciada pelos membros do IHGB, que seu autor recebeu em 1847 uma medalha de ouro – prêmio oferecido aos intelectuais que mais se destacaram na história do Instituto.

Aos olhos do pesquisador contemporâneo, prêmios oferecidos por associações científicas talvez não pareçam tão importantes. O historiógrafo, porém, deve observar esse dado com bastante atenção, uma vez que a produção de conhecimento no século XIX era movida por concursos e prêmios, em uma espécie de mecenato científico.

2.1 Três ‘raças’ unem-se na formação do Brasil

No ensaio de 1844, Martius postula a necessidade do historiador explicar a participação de cada uma das três ‘raças’ – “a de còr de cobre ou americana, a branca ou Caucasiona, e enfim a preta ou ethiopica” (Martius 1844: 382) – que contribuíram para formação do país, recém independente:

Póde-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua índole innata, segundo as circunstancias debaixo das quaes ella vive e se desenvolve, um movimento historico caracteristico e particular. Portanto, vendo nós um povo nascer e desenvolver-se da reunião e contacto de tão differentes raças humanas, podemos avançar que a sua historia se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonaes. (Martius 1844: 382).

Conseqüentemente, era preciso estudar os povos autóctones, particularmente a ‘língua geral’¹, considerada por Martius o “documento mais geral e mais significativo” para a reconstrução da história do Brasil em período pré-colonial. Do seu ponto de vista, o fato dessa língua ser falada em vasto território brasileiro indicaria uma origem comum das diversas etnias indígenas:

A lingua principal fallada outr’ora pelos indios do Brazil em vastissima extensão, e entendida ainda em muitas partes, é a lingua *Geral* ou *Tupi*. [...] [E] não podemos duvidar que todas as tribus, que n’ella sabem fazer-se intelligíveis, perteçam a um unico e grande Povo, que sem duvida possuiu a sua historia propria, e que de um estado florescente de civilização, decahiu para o actual estado de degradação e dissolução. (Martius 1844: 386-387)

Desse modo, sugere ao IHGB que promova no Brasil estudos lingüísticos:

[A]proveito porém esta occasião de exprimir meu desejo que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, designasse alguns linguistas para a redacção de dictionarios e observações grammaticaes sobre estas linguas, determinando que estes Srs. fossem tẽr com os mesmos Indios. (Martius 1844: 386)

Em virtude dessa recepção positiva do artigo, um grupo de membros do IHGB pediu a Martius que ele próprio elaborasse uma história do Brasil, como se pode perceber pela carta, transcrita em parte, do Cônego Januário C. Barbosa, que ocupava a posição de primeiro secretário do instituto. Como se viu anteriormente, o artigo “Como se deve escrever a Historia do Brazil” foi bem recebido pelos membros do IHGB, tendo seu autor vencido o concurso que o estimulou a escrever e ainda recebido uma condecoração pela excelência do trabalho.

¹ Este trabalho não problematiza a que língua geral ele se refere. Nos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Martius apresenta dados tanto do ‘tupi austral’ (língua geral paulista, segundo Rodrigues 1996), quanto de outras línguas tupis a que teve acesso.

Mas eu peço licença a V.Sa. para lhe significar um pensamento meu, isto é, de um Brasileiro amante da paz, da Independencia, do Throno Constitucional, e das Lettras americanas; e é-que **eu não conheço actualmente quem seja mais habilitado para desempenhar o riquíssimo Plano de História Philosophica Brasileira, que V. Sa. se dignou a offerecer ao nosso Instituto Histórico e Geographico do que V. Sa. mesmo**, que tanto cabedal de conhecimentos tem adquirido pelos seus profundos estudos, e de sua longa estada n'este paiz, levando a sua ajuizada observação ao centro de [ilegível] e sertões quase ainda não pizados por sabios e naturalistas. Se eu fora mais conhecido de V. Sa., esforçar-me-hia em passar de meu coração ao coração de um sábio, que tanto respeito, **os sinceros desejos que tenho, e que comigo compartilha o Instituto, de que fosse V. Sa. quem desempenhasse o riquíssimo plano da Historia Brasileira**, erguendo d'est'arte um novo padrão á sua gloria litteraria, já bem conhecida por seus sabios escriptos, e um monumento de honra ao Instituto, que muito se ufana de contar em o numero de seus mais distinctos Membros o glorioso nome de V. Sa. (Barbosa 1843, ms.).

De fato, Martius atendia a um dos principais requisitos que ele mesmo estabelecera para o intelectual que se empenhasse na construção de uma obra historiográfica sobre o Brasil, qual seja, ter viajado pelo território nacional para poder avaliar os acontecimentos históricos:

Para um tal trabalho, segundo certas divisões geraes do Brazil, **parece-me indispensavel que o historiador tivesse visto esses paizes [províncias], que tivesse penetrado com os seus proprios olhos as particularidades da sua natureza e população**. Só assim poderá ser apto para avaliar devidamente todos os acontecimentos historicos que tiveram lugar em qualquer das partes do Imperio, explical-o pela particularidade do solo que o homem habita; collocal-os em um verdadeiro nexo pragmatico para com os acontecimentos na visinhança. Quão differente é o Pará de Minas! Uma outra natureza, outros homens, outras precisões e paixões, e por consequente outras conjuncturas historicas. (Martius 1844: 400).

Além do conhecimento adquirido com as viagens, Martius vinha de uma nação considerada de mais alto 'grau de civilização', o que ajudaria na construção da imagem de uma nação 'civilizada' nos trópicos, uma vez que "a

nova Nação brasileira se reconhec[ia] enquanto continuadora de uma certa tarefa civilizadora iniciada pela colonização portuguesa” (Guimarães 1988: 6).

3. Os Trópicos incentivam a ciência

Apesar de possuir os requisitos que ele próprio estabelecera, Martius não aceitou o convite do grupo de brasileiros que se articulara para persuadi-lo a escrever uma obra historiográfica sobre o Brasil. Abaixo, reproduziu-se parte da resposta de Martius ao Cônego Januário C. Barbosa, escrita em 8 de Março de 1844:

Monsieur et respectable confrère, je n'oserai pas aspirer moi-même à la gloire d'une entreprise de paraille nature. C'est bien vrai que je me suis occupé dans mes heures de loiser des vestiges de l'histoire ancienne de l'Amérique. Je trouve qu'il serait une tache aussi glorieuse que reconnaissante de reveleur la voile qui couvre jusqu'à présentet l'histoire ancienne de la race rouge. Mais ce grand mysthère d'une histoire où tout reste écroulé, où tout est abymé et ruine, - ce grand mysthère demande [ilegível] autres forces que les miennes. (Carta de Martius ao Cônego Januário C. Barbosa, 8/Março/1844).

Embora o convite tenha sido recusado em um primeiro momento, tentar-se-á demonstrar neste trabalho que Martius teria escrito a obra *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasilien* (Martius 1867), em uma tentativa de conciliar seus interesses particulares com a vontade sempre explicitada de contribuir para a 'civilização' nos trópicos e para retribuir a subvenção à obra *Flora Brasiliensis* (Martius 1840-1906).

Nesse ponto, é preciso entender a situação político-econômica da Baviera naquele momento. O chanceler Metternich (1773-1859), político austríaco absolutista, havia se interessado pela idéia de composição da obra *Flora Brasiliensis*, e graças às suas influências, Martius conseguiu obter apoio do Imperador Ferdinand I (1793-1875) da Áustria e do rei Ludwig I da Baviera (Sommer 1957: 119). A revolução de 1848 que derrubou o chanceler, seguida de um período de miséria e da aparição do regime industrial, provocou a res-

trição da subvenção ao botânico (Brandenburger 1918[1917]: 450). Em consequência, Martius

teve de, pela primeira vez, dirigir-se, por intermedio do seu amigo, o ministro brasileiro em Londres, conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, ao Governo e ao imperador do Brasil, d. Pedro II, magnanimo protector das artes e sciencias no seu paiz, e conseguiu immediatamente as providencias necessarias afim de garantir a continuação da obra (Brandenburger 1918[1917]: 450)

Em 1854, as relações de Martius com o governo bávaro tornaram-se ainda mais conflituosas. Nesse ano, foi construído no Jardim Botânico de Munique, instituição que Martius dirigia, o Palácio de Cristal para abrigar a parte alemã da Exposição Universal que ocorreu naquele país. Esse episódio trouxe um desconforto muito grande ao cientista, que culminou com seu pedido de demissão, como narra ao amigo brasileiro e mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Silva, em carta de 15 de julho de 1855:

Desde 1848 muyto se tem mudado no espiritu do nosso governo e se queiro afruntallo com hua palavra: o specialismo tem ganado sobre o universalismo! Os specialistas nas doutrinas dirigem-se verso a util são realistas, utilitarios, abração as ideias do lucro como o ressort intimo da maquina governamental. [...] Guiado por semelhantes opiniões algumas pessoas de grande poder tem julgado conveniente, que se erigisse **no meu Jardim Botânico** o palácio p[ar]a a exhibição industrial d'Allemanha! Este conceito foi realizado sem meu consentimento – athé elles quiserão occultallo à mim athé que fosse resolvido. Grande parte do Jardim foi ruinado. [...] Recebi a minha retirada depois 38 annos de serviços. [...] Eu agora não trato em outra coisa se não na Flora Brasileira [...]. **Como a magnanimidade do seu Imperador me tem auxiliado na publicação (a que o meu governo não quis mais fazer sacrificco) não me deixo desanimar por nada.** (Martius 1991: 32-33, ênfases acrescentadas).

Embora as biografias consultadas (Sommer 1957, Dutra 1942, Brandenburger 1918[1917]) sejam contraditórias a esse respeito, é possível inferir pela leitura da correspondência pessoal do naturalista, que essa primeira subvenção de 1855 não foi suficiente para a conclusão da *Flora Brasiliensis*.

Por esse motivo, em 1863, Martius propôs ao governo brasileiro a compra da parte publicada e edição do restante da obra (Dutra 1942: 102). Dessa vez o pedido não pôde ser atendido imediatamente, mas o Marquês de Olinda teria prometido conseguir o auxílio.

A estratégia de convencimento venceu: em 1867, em plena Guerra do Paraguai, Martius recebeu subvenção de dez contos anuais para a conclusão da *Flora* em dez anos (Lei Orçamentária 1.507, de 29/09/1867). Em carta a Martius datada de outubro de 1867, o tabelião e amigo íntimo de D. Pedro II, Francisco José Fialho, relatou a dificuldade de aprovar essa lei devido aos gastos na guerra.

Não sou o 1º a anunciar a V. Exa. o interesse da tarefa, que me glorio de dever empreendido p[ar]a assegurar ao Brasil a posse da monumental obra de V. Exa. = a *Flora Brasiliensis* =. No orçamento votado na sessão legislativa deste anno, e já sancionado pelo Gov[ern]o, está este authorisado p[ar]a contratar com V. Exa. a conclusão desta obra, elevando-se dede já a 10:000# a consignação annual. **Satisfeito deste feliz resultado, q[ue] me pareceu difficil de alcançar em [razão] dos apuros financeiros em que a guerra contra o y[n]sano do Paraguay tem posto este Imperio.** (Fialho 1867, ênfase acrescentada).

Para fazer jus à subvenção, Martius elaborou não somente a *Flora*, como também enviou para D. Pedro II a obra *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasilien* (Martius 1867). A carta de 17 de julho de 1867, transcrita em parte, mostra o agradecimento do pesquisador germânico ao Imperador D. Pedro II:

Sire!

Vossa Magestade Imperial tem a graça de annuir aos meus esforços para a illustração da natureza do Seu Imperio, e o suffragio do qual Vossa Magestade Imperial me honra he o auxilio mais poderoso, o alento mais feliz do que posso gozar. Delle collho as forças para a continuação dos trabalhos que considero como a tarefa providencial da minha vida.

Debaixo de semelhantes inspirações tenho-me tãobem occupado de estudos sobre a historia, o gênio, a [posição] social, industrial e política

dos Índios e ouzo offerecer à Vossa Magestade Imperial um livro sobre a Ethnographia da gentilidade d'America e principalmente do Brazil. He o fructo de muytos annos que continuarei em estudar as línguas indianas, aproveitando-me da literatura riquíssima tanto brazileira como estrangeira. Espero que o retrato, que faço dos Indígenas he verídico e que demonstra nestes povos tãobem as proporções que os accomodão à civilização europeia. (Martius 1867a, ênfases acrescentadas)

De fato, D. Pedro II e o IHGB interessavam-se pelos indígenas e por suas línguas. Guimarães (1988: 19) informa que 73% do conteúdo da *Revista Trimestral do IHGB*, dedicava-se à problemática indígena, às viagens e explorações científicas e ao debate da história regional:

Trabalhos e fontes relativos à questão indígena ocupam indiscutivelmente o maior espaço da Revista, abordando os diferentes grupos, seus usos, costumes, sua língua, assim como das diferentes experiências de catequese empreendidas e o aproveitamento do índio como força de trabalho. (Guimarães 1988: 20).

É possível perceber que a obra etnográfica e lingüística de Martius vinha ao encontro dos interesses do IHGB e de D. Pedro II. A rigor, a instituição não pode ser separada do monarca, uma vez que ele participava ativamente de suas reuniões, promovia tópicos de discussão e era responsável por cerca de 75% de sua verba orçamentária, embora se considerasse “uma instituição científico-cultural, e por isso mesmo neutra em relação a disputas de natureza político-partidária” (Guimarães 1988: 9; cf. também Schwarcz 1999).

4. Considerações Finais

Este trabalho pretendeu demonstrar que a elaboração dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Martius 1863) atendia a um pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que Martius escrevesse a história do Brasil nos moldes propostos por ele mesmo em “Como se deve escrever a Historia do Brazil” (Martius 1844). Martius teria escrito a obra etnográfica e lingüística como forma de agradecer a subvenção à obra de botânica *Flora Brasiliensis*

(Martius 1840-1906). Essa hipótese baseia-se, por um lado, no interesse do IHGB e do próprio D. Pedro II nos indígenas brasileiros e, por outro, na necessidade do naturalista de conseguir subsídios do governo brasileiro, uma vez que problemas políticos na Alemanha em processo de unificação teriam dificultado o financiamento da pesquisa em sua própria nação.

É preciso ressaltar ainda que, para Martius, a história dos povos autóctones não é tarefa do historiador propriamente dito, mas dos pesquisadores mais voltados às ciências naturais:

N'este vastíssimo campo de ethnologia quazi primitiva não é o historiador, é somente o físico, o naturalista, o lingüista que pôde seguir os obscuros trilhos em busca da verdade (Martius 1895[1861]: 63).

Assim, se Martius não se interessava em escrever a história do Brasil, teria tentado contribuir para essa empresa ao elaborar os *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, uma vez que, do seu ponto de vista, as línguas indígenas constituir-se-iam o “documento mais geral e mais significativo” para investigar “*uma muito antiga, posto que perdida historia*” (Martius 1844: 385, ênfase no original) do Indígena Brasileiro em período anterior à colonização portuguesa.

Referências Bibliográficas

- Araújo, Carlos da Silva. 1941. *Von Martius e o Cristo que ofertou ao Brasil*. [Desenvolvimento das conferências pronunciadas no Instituto de Estudos Brasileiros (Rio de Janeiro, 16 de maio de 1941) e na Sociedade Paulista de História da Medicina (São Paulo, 20 de junho de 1941), respectivamente, sob os títulos “Um Cristo a quem devemos brasileiros, dobrada devoção – Oferenda de von Martius” e “Um grande e sábio amigo do Brasil: von Martius”].
- Barbosa, Cônego Januário C. “Carta do Cônego Januário C. Barbosa a Karl Fr. Ph. von Martius”. Rio de Janeiro, 12 de agosto, 1843. ms. inédito. [Acervo do IHGB, Lata 843, pasta 12 – II].
- Brandenburger, Clemente. 1918 [1917]. “Spix e Martius – Um Centenário”. *Revista do Instituto Histórico* 83: 445–451. [Publicado anteriormente em *Deutsche Post*.

- São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 3 e 4 de agosto de 1917 e *Revista Americana* em agosto de 1917].
- Dutra, José Soares. 1942. *Martius*. Rio de Janeiro: Emiel Ed.
- Fialho, Francisco José. 1867. “Carta de Francisco José Fialho a Martius”. Rio de Janeiro, 7 de outubro. [Acervo da Biblioteca Nacional – Sessão de Manuscritos]. ms. inédito.
- Guimarães, Manoel Luís Salgado. 1988. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico e o Projeto de uma História Nacional”. *Estudos Históricos* 1: 5-27.
- Martius, Karl Friedrich Phillipp von. 1991 [1855]. “Carta a Paulo Barbosa da Silva de 15 de julho de 1855”. *Cartas de Karl Friedrich von Martius a Paulo Barbosa da Silva*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pp. 32-33.
- _____. 1895 [1861]. “Carta do Dr. Carlos F. de Martius contendo observações sobre Botânica, Vocábulo Tupis e origem das tribus americanas”. *Revista Trimestral do Instituto Histórico*, tomo 58, parte 1, v. 91, pp. 59-68.
- _____. 1867a. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, I. Zur Ethnographie, II. Zur Sprachenkunde*. Leipzig: Friedrich Fleischer.
- _____. 1867b. “Carta a D. Pedro II”, Munique, 17 Julho 1867, 3p., fac-símile. [acervo Biblioteca Nacional – Sessão de Manuscritos]
- _____. 1863. *Glossaria linguarum Brasiliensium. Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Erlangen: Druck von Junge & Sohn.
- _____. 1844. “Como se deve escrever a Historia do Brazil”. *Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* IV: 381-403.
- _____. 1846. “Carta de Martius ao Cônego Januário C. Barbosa”. Munique, 8 de março de 1844. [Acervo do IHGB, Lata 138, doc. 34]. ms. inédito.
- 1840-1906. *Flora Brasiliensis*. Monachii: F. Fleischer, 15 volumes, ill.
- Rodrigues, Aryon. 1996. “As línguas gerais sul-americanas”. *Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica*, vol. 4, n. 2



- Schwarcz, Lilia Moritz. 1999. *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Sommer, Friedrich Wilhelm. 1957. *A vida do botânico Martius: “pai das palmeiras”*. São Paulo : Melhoramentos, Arquivos históricos 12: ill.
- Spix, Jonh Baptist. e Karl Friedrich Phillip von Martius 1938 [1823-1828]. *Viagem pelo Brasil*. [Trad. brasileira. Lucia Furquim Lahmeyer do orginal *Reisen in Brasilien*, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para a comemoração do seu centenário]. Rio de Janeiro: IHGB.